

ALVES NETO, Rodrigo Ribeiro. *Alienações do mundo: uma interpretação da obra de Hannah Arendt*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora PUC-Rio/Edições Loyola, 2009, 216 p.

*Pedro Duarte de Andrade**

Como pode o homem sentir-se a si mesmo quando o mundo some? Essa perturbadora pergunta não tem em vista dar começo à procura de alguma saída que evidenciasse como, afinal, o homem pode sentir a si mesmo sem que o mundo apareça. Ela pretende, antes e somente, despertar nossa tão combatida sensibilidade contemporânea para um fato: não conseguimos sequer sentir a nós mesmos caso estejamos sem mundo. Em outras palavras, a ausência de partilha pública do aparecer dos homens entre si não deixa, para estes mesmos homens, a chance de sentir a si próprios, pois o que aí se perde é o decisivo em tudo: a simples possibilidade de sentir. Sem ela, não podemos nem sentir a nós mesmos, ao menos não como homens. Desdenhar, portanto, da conhecida crise do âmbito de aparecer público ao qual em geral chamamos de política por confiar que, de outro lado, ganhamos a satisfação do âmbito privado da intimidade é não conseguir dar, nem sequer a este último, sua devida dignidade: a de ser sentido e a de ter sentido.

Já posso, agora, dizer que a pergunta perturbadora que abre este texto foi a epígrafe que Rodrigo Ribeiro Alves Neto deu a seu livro *Alienações do mundo: uma interpretação da obra de Hannah Arendt*. Ela foi tomada de empréstimo ao poeta Carlos Drummond de Andrade. Não coloquei as habituais e esperadas aspas ao citá-la acima, como manda nosso ritual acadêmico. Essa falta não quis fazer qualquer crítica daquele ritual, mas pretendeu apenas chamar a atenção para o fato de que, no livro de Rodrigo Ribeiro, as palavras de Drummond são apropriadas, ou seja,

* Professor do Departamento de Filosofia da PUC-Rio e da UNIRIO. *E-mail*: p.d.andrade@gmail.com. Resenha recebida em 30.10.2009, aprovada em 15.12.2009.

tornam-se próprias ao autor. Depois de percorrer as suas páginas cheias de enorme esforço compreensivo sobre a obra da autora judia alemã, concluímos que, no âmbito do pensamento e não das demarcações autorais, as palavras de Drummond tornam-se suas, completamente suas. Não carecem, portanto, de aspas.

Mundo. Esta pequena palavra traz consigo a enorme e acidentada geografia da história, que movimentada como o é pela epígrafe de Drummond não deixa incólume aquilo mesmo que nós somos. Essa história é o que, como fica claro desde o título, Rodrigo Ribeiro estuda em seu livro através da obra de Hannah Arendt. São as alienações do mundo. Repare-se que aqui já se diz muito. Primeiro, porque já sabemos que a compreensão aí esboçada do problema do mundo é, ao mesmo tempo, a compreensão do mundo como problema, ou seja, de nossa alienação do mundo. Segundo, porque sabemos também que não se trata apenas da alienação no singular, e sim no plural, ou seja, das várias formas pelas quais, a cada vez, ela se deu, o que significa que prevalece aí a perspectiva histórica de abordagem da questão.

Logo, a alienação do mundo não é tomada por Rodrigo Ribeiro (que assim é fiel à perspectiva da autora dentro da qual abre sua compreensão acerca do tema que está em jogo) como algum suposto dado essencial do homem, mas, pelo contrário, como a determinação, sempre histórica, pela qual a tradição ocidental conseguiu, ou não conseguiu, enfrentar o espaço que habitamos como a pluralidade que somos. Do começo ao fim desta tradição, portanto, o mundo surge como aquilo que não surge ou, ao menos, como aquilo que o pensamento forjado por nós evita. Nossa história seria, em certo sentido, a história não do mundo, mas da fuga do mundo, desde a antiguidade grega até as sociedades contemporâneas. Expliquemos agora este ponto.

Para tanto, vale seguir a estrutura, nem sempre explícita, que organiza, a meu ver, a seqüência dos sete capítulos do estudo de Rodrigo Ribeiro – versão mais enxuta do que, originalmente, era a sua tese de doutorado, defendida na PUC do Rio de Janeiro sob a orientação de Eduardo Jardim de Moraes. Essa estrutura é, toda ela, capaz de concatenar, ao mesmo tempo, dois eixos: o temático e o autoral – coincidência feliz, proposital e também pouco comum. Estamos diante de um estudo, como

evidencia o título, sobre o tema “alienações do mundo” e, como completa o subtítulo, sobre a autora Hannah Arendt.

Iniciamos este percurso, então, no primeiro capítulo, onde Rodrigo Ribeiro destaca, de dentro da pioneira análise que Hannah Arendt fez sobre os totalitarismos, a forma como tais regimes, através da ideologia no plano do pensamento e do terror no plano da ação, buscavam tirar o homem do mundo e o mundo do homem. Essa “desmundanização totalitária” teria feito com que Hannah Arendt percebesse que tal problema não era pontual e que, pelo contrário, obrigava-nos a olhar para como ele foi sendo constituído dentro da própria história ocidental.

Em suma, os horrores de Hitler e Stálin não seriam troços, ainda que graves, da civilização ocidental, mas sim algo próprio ao caminho que tal civilização traçava para si mesma. Se é verdade, portanto, que o estopim para que Hannah Arendt chegasse ao seu conceito de “mundo” não se deu “a partir do clássico recuo contemplativo do filósofo em relação ao cotidiano dos assuntos humanos”, como afirma Rodrigo Ribeiro, e sim dos “incidentes da experiência viva”, como confessa a própria autora, também é verdade que tais incidentes fizeram com que ela enfrentasse a constituição da tradição que nos trouxera até aqui, sendo este “aqui” o século XX.

Nesse sentido, podemos dizer que, se o conceito de “mundo” pode tornar-se o eixo para a compreensão da obra arendtiana, não é como simples tema de estudo. É, antes, como problema. Falta mundo. Eis o que se pode ver no totalitarismo e o que ele, assim, faz ver como traço decisivo de nossa tradição. Entretanto, se é da falta ou da alienação do mundo na tradição que trata Hannah Arendt, ela não poderia achar aí mesmo seu conceito de “mundo”. Ele é forjado originalmente pela autora, a partir sobretudo do diálogo com seu ex-professor Martin Heidegger, como observa Rodrigo Ribeiro. Não estaríamos, segundo ela, apenas no mundo, ou seja, dentro dele, assim como alguma coisa empírica pode estar no interior de outra. Seríamos, antes, do mundo, pertenceríamos a ele, ou seja, ele, mundo, seria inscrito na nossa própria constituição enquanto homens. Este mundo, que não é coisa alguma, é “o espaço artificial *entre* o homem e a natureza, bem como o âmbito intermediário de relacionamento e distinção instaurado *entre* os homens por meio de suas interações e interesses comuns”, para empregar as palavras de Rodrigo Ribeiro.

Faz-se preciso, antes de continuar, sublinhar que aquele diálogo travado pelo pensamento de Hannah Arendt com sua herança vinda de Heidegger é tratado no trabalho de Rodrigo Ribeiro com competência. Esta seara é bastante freqüentada pelos comentadores, porém nem sempre com a precisão que vemos aqui, sem opor a aluna a seu professor e sem, de outro lado, fazer dela apenas uma discípula. No caso em questão, este ponto era importante, pois tal diálogo é sensível para compreender o que se passa na elaboração do conceito de “mundo”. Se Heidegger, em *Ser e Tempo*, fizera a analítica do “ser-no-mundo”, Hannah Arendt escreveu, inspirada por ele mas a seu modo próprio, a analítica do “ser do mundo”. Inspirada, aliás, também na fenomenologia de Merleau-Ponty, ela só entendia a habitação do homem na terra a partir da pluralidade, ou seja, do “ser-em” ou “ser-com”, como diria Heidegger. Essa discussão é tratada no segundo capítulo do livro de Rodrigo Ribeiro, mas não só nele.

Depois daí, ou seja, após ter explicado de onde surge o problema do “mundo” na vida e na obra de Hannah Arendt e de ter esclarecido em que consiste o seu conceito, o estudo ganha o viés explicitamente histórico acima anunciado, embora, em seu decorrer, outros conceitos, refinamentos dos anteriores e conexões novas sejam feitos. Entendemos, assim, como a fragilidade do âmbito político dos homens foi tratada no decorrer da história e como, para solucioná-la, costumou-se tirar dela o que tem de próprio e específico. Entendemos, ao mesmo tempo, como a preocupação com esta situação, às vezes explícita, mas às vezes discretamente, esteve sempre presente no esforço de pensamento de Hannah Arendt, talvez até o orientando.

Desde a “solução grega” da época de Sócrates (terceiro capítulo), a alienação do mundo começa sua história, assim contada por Rodrigo Ribeiro através do corte que faz na obra arendtiana a partir de sua questão: a alienação antiga do mundo pelo privilégio metafísico dado à contemplação sobre a ação mundana, com a filosofia de Platão (quarto capítulo); a alienação moderna do mundo pelo privilégio dado à interioridade subjetiva sobre a exterioridade mundana, com a filosofia de Descartes a partir dos desafios postos por Galileu e pela Revolução Científica (quinto capítulo); e a alienação contemporânea do mundo pelo privilégio dado à tecnologia como fabricação de processos sobre a interação mundana dos homens (sexto capítulo). Por fim, o sétimo capítulo, com ares de conclusão, fala do

“colapso do mundo no século XX”, arriscando, pontualmente, traçar o perfil da burocratização econômica e do consumo como valores que substituem o verdadeiro exercício da liberdade na política.

Passai acima, de forma breve e esquemática, pelo trajeto do livro de Rodrigo Ribeiro, às custas, é claro, de simplificações. No texto propriamente dito, contudo, elas quase não existem. Pelo contrário, dentre suas qualidades está o extremo cuidado com cada ponto, que é exaustivamente cercado até que esteja, digamos, perfeitamente delimitado. Se, às vezes, esta característica pode dar certa aridez ao texto, ela, pouco a pouco, deixa aparecer, em sua seriedade obstinada a circunscrever cada noção em seu escopo determinado e com seus traços próprios, o que eu gostaria chamar de estilo de pensamento do autor: paciente em seu cuidado com o trabalho conceitual porque zeloso com seu objeto. Ele exige, assim, paciência semelhante para que seja fruído. Reside aí, surpreendentemente, sua força, pois, cada vez que algum problema aparece, não é evitado e nem driblado. É encarado, detalhado e tratado, mesmo que isso signifique parar, retomar e repetir para, então, ganhar precisão.

Não fosse assim, o estudo de Rodrigo Ribeiro provavelmente não teria sido capaz de encontrar a trilha que encontrou para adentrar o pensamento de Hannah Arendt. Ele articula diversas obras da autora a partir de uma questão central que, no entanto, não é necessariamente evidente, ao menos não de forma sistemática. Se *A condição humana*, livro mais original de Hannah Arendt, ocupa a maior parte do texto de Rodrigo Ribeiro, sua sagacidade esteve em conseguir compreender como, por exemplo, *Origens do totalitarismo* e *A vida do espírito* podem, ainda, ser articulados com ele a partir do papel que desempenha o conceito de “mundo” em cada caso.

Deve ser por isso que tanto o autor em sua introdução, quanto Eduardo Jardim na orelha e André Duarte no prefácio, empregam a mesma metáfora para falar do livro. Todos falam de “chave” de interpretação. É que, de fato, o livro de Rodrigo Ribeiro abre uma porta para que entremos no espaço que é a obra arendtiana. Mas não qualquer porta, daí esta chave ser especial. É que a porta que ela abre é daquelas a partir das quais conseguimos enxergar como várias partes do cômodo, ainda que não estejam simetricamente organizadas, possuem algum tipo de coerência entre si. Não vemos necessariamente a totalidade do cômodo, mas

compreendemos seu princípio de organização e sua forma de reagir às condições de clima e sol que o atingem.

Resolvendo a metáfora, tais condições são os “incidentes da experiência viva” de que falou Hannah Arendt, enquanto sua obra é como o supracitado cômodo, construído a partir daquelas condições ao mesmo tempo que, dali, pretende achar outro jeito de olhar para elas. É que esta obra apresenta, conforme aponta Rodrigo Ribeiro, “uma análise do momento singular no qual ela é escrita e para o qual escreve”. Tal obra, se não pode ser sistematizada, pode, contudo, ser compreendida a partir de algum tipo de unidade espiritual que faz com que ela seja algo mais do que fragmentos soltos uns dos outros. Se a chave que Rodrigo Ribeiro oferece não abre uma porta a partir da qual vemos todo o cômodo, ou seja, toda a obra de Hannah Arendt, entendemos porém o problema que a move, o que talvez seja mais decisivo.

Por fim, gostaria de destacar ainda como, estudando o pensamento da autora que ficou conhecida por observar agudamente a falência dos conceitos tradicionais para compreender a situação contemporânea, Rodrigo Ribeiro mostra que ela, ao reconhecer isto, tornou possível, simultaneamente, encarar tal situação através de outras perspectivas. Só porque acolheu a desintegração das ferramentas conceituais antigas, Hannah Arendt pôde compreender a singularidade da sua época e da história que a constituía. Sua obra é testemunho disso.

Fazer a história, portanto, das formas pelas quais a tradição ocidental deixou de experimentar o mundo preferindo dele se alienar não é qualquer tipo de exercício erudito. É, antes, o que temos para compreender como foi possível chegar ao esvaziamento da política que hoje vivemos, em que ações e palavras, os frágeis elementos pelos quais entramos em contato no âmbito público, perdem o seu vigor. Nesse sentido, admitir, com Rodrigo Ribeiro, que “como nem toda forma de inter-relacionamento humano e nem toda espécie de comunidade se caracterizam pela mediação do mundo enquanto palco da ação de homens plurais, esse âmbito público nasce e se mantém entre os homens apenas *potencialmente*, nunca necessariamente”, é ao mesmo tempo acolher, para nós, hoje e aqui, a responsabilidade pelo fomento das condições de instauração e preservação de um mundo, que jamais nos é dado como certo e pronto, mas apenas como possibilidade. Eu arriscaria dizer que Rodrigo Ribeiro enxergou no

conceito de “mundo” elaborado por Hannah Arendt a chance de construir sua sólida interpretação que esclarece a obra da autora sem, com isso, perder de vista algo mais decisivo, que é a colocação de um problema através dela e que não é só dela, mas de todos nós: o cuidado com o mundo.